

1 JUNHO
1925

= ANO 1.º - NUM. 1 =

PREÇO
1\$50

O Espectro

ARTUR LEITÃO
Director politico

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA "LVMEN"

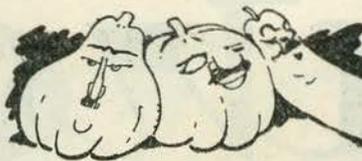
F. VALENÇA
Director artistico

Redacção e Administração: Rua do Mundo, 95, 3.º - LISBOA

TRABALHOS DE HERCULES... DO INTERIOR



Afrontada por um pulso rijo e uma boa cabeça, a **Bicha** das sete cabeças de motim **abicha** a sua conta... e Vitorino cantará vitória.



Fruta do tempo

A descendencia do famoso consul

O velho Ulpiano — Conhecem? Provavelmente não. Mas finjam... — é tido por um praxista em pontos graves de jurisprudencia. Foi, porém, principalmente e sem que tal cuidasse, um precursor da psicologia moderna, sciência muito sonora por estar ainda muitissimo óca...

Essa retumbância e essa falta de recheio, com facilidade a verificação, se lerem o sr. Faria de Vasconcelos que é um fonógrafo, em carne e ósso, de tudo aquilo que os outros psicólogos disseram, escreveram e proclamaram.

Mas vamos ao velho Ulpiano que, por sinal, morreu antes de atingir a casa dos quarenta. Vamos a éle, porque o senhor Faria (o seu proprio nome o indica) é uma mentalidade assaz condicional e só entrou neste arraçoado por vago incidente, como Pilatos no credo.

O grave e penetrante Ulpiano escreveu algures um brocardo que ficou, intacto e firme, em meio de numerosas verdades transitorias e de ocasião, as quais, pelo caminho adeante, se foram abaixo das pernas...

O brocardo é este:

«Ninguem confessa contra si proprio sem violência...»

Eu não conheço comentario mais atilado, nem apreciação melhor focada da covardia e vaidade humanas! Da vaidade, sobretudo.

E o arguto Ulpiano teve ensejo de avaliá-la, porque andou, cá pelo mundo, numa fase de plena e corrupta decadencia social — que é quando, sempre! — as mediocridades se empoleiram nas alturas, de crista erecta, luzio acéso, e unha afiada, a fingirem que podem e sabem galar... não passando, afinal, de capões revestidos de unxúndia, com bolímico apetite de notabilidade — e painço...

Projectem sobre vários magnates da nossa política o feixe de claridade que irradia da sentença de Ulpiano e desde logo ficam a ver, com segura e nitidissima visão, qual a causa porque não desistem e qual o motivo porque persistem:... «Ninguem confessa contra si proprio, sem violência...». Ora aquí está!

Quero dizer, na minha, que não haja, tresmalhados na politica portugueza alguns vulgares temperamentos de homens de ação, algumas raras competencias, alguns exemplos, esparsos, de consoladora e inabalavel probidade, alguns fieis depositarios da intrepidez e bravura civica e do quase religioso idealismo que caracterizou o apostolado republicano?

Há, certamente. Há de tudo, ainda, na governação do Paiz — até gente honrada!

Mas esses, os probos, os competentes, os sacrificados, os de fé imperecível, não marcam fisionomia, não prevalecem, não exercem influencia dirigente. A sua ação é limitada, restricta. Perde-se, dissolve-se, com inglório desproveito, na vileza e cupidez ambientes.

Acaso um punhado de torrões de assucar pode adoçar a água pútrida dum charco?! O pântano permanece o que era. A máalaria continúa...

Mas aqueles que procurem uma bem exacta e bem perfeita sintese para definirem a situação actual, não é no confronto com os implumados capões que a encontram. Rectifico. Melhor a topam num estafado episódio histórico:

Pois não é isto — mas aumentado, mas amplificado, mas multiplicado por n n — o regime do cavallo de Caligula?!

Se escabicharmos, no fundo, alguns dos nomes que andam aí na berra — o illustre sr. Fulano, o inclito sr. Cicrano, o integérrimo sr. Beltrano — depararemos, pelo paciente processo de quem dissolve a cor mais superficial duma tela repintada, com este nome que é comum a todos: Incitatus, o nome do consul, — o nome da besta...

Mas, de Caligula para cá, surgiu uma diferença ignobil. A alimária de então era montada — e as bestas de hoje é que montam.

Digo-lhes eu, que nunca fui picador, mas que tambem nunca dei cavalaria!

A. L.



JARRÔES...



H. de V.
(Reitor da Universidade)

*Na mesa de Cirurgia,
P'ra ser dissecado á pena,
(Empregando anestesia)
'Stá Henrique de Vilhena
Professor de Anatomia.*

*Tem talento em abundancia
Largamente demonstrado
No «Colegio e sua Infancia»,
E outras obras de importancia
Que se exgotam no mercado.*

*E chumbaram por pirraça
Um homem de tal valor!
Mas era chumbo de caça...
E anos volvidos — tem graça!
Foi caçado p'ra «Reitor!»*

JOÃO RATÃO.

Dia de Reis... em Maio

A dinastia dos Reis
Da pintura Nacional,
— Como todos vós sabeis —
É amada em Portugal,

Carlos, primeiro, dá leis,
A seguir, os seus rapazes...

Destronem lá estes reis
Ó "Pintôr's" se são capazes!...

JOÃO RATÃO.





Cada saco de 45 kilos
12\$60

Frete dentro da antiga area da cidade,
1\$00 por cada saco.

PESO GARANTIDO — ENTREGA IMEDIATA

REQUISIÇÕES:

Rua da Boa Vista, 33

Telefone: — Central 1014

E aos leitores dos contadores

BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL 13:500.000\$00

SÉDE - Rua do Comercio, 148

LISBOA

CAIXA FILIAL no PORTO

Agencias em todas as capitais dos distritos administrativos do Continente e Ilhas dos Açores e Madeira, na Covilhã, Figueira da Foz, Guimarães, Lamêgo, e Setubal, e Correspondencias Privativas em Elvas, Extremoz, Loulé, Olhão e Vila Nova de Portimão

Correspondentes nas principais terras do País e mais importantes praças do Estrangeiro.

OPERAÇÕES: — Descontos, transferências, empréstimos e créditos em conta corrente, compra e venda de cambiais, cartas de crédito sobre praças estrangeiras, depósitos de dinheiro e valores, e todas as transacções que pela natureza especial da sua instituição lhe são permitidas.

Companhia de Diamantes de Portugal

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

COM O CAPITAL DE ESC. 9.000.000\$00 (ouro)

Direito exclusivo de pesquisa e extracção de diamantes na Provincia de Angola, por concessão do respectivo Governo

Séde social: LISBOA, R. dos Fanqueiros, 12, 2.^o - Teleg.: DIAMANG

Escritórios em Bruxelas, Londres e Nova York

Presidente do Conselho de Administração

Banco Nacional Ultramarino

Presidente dos Grupos Estrangeiros

Mr. Jean Jadot

Administrador-delegado

Ernesto de Vilhena

REPRESENTAÇÃO E DIRECÇÃO TECNICA EM AFRICA

Representante

Ten. Coronel **Antonio Brandão de Mello**

Caixa Postal 347 — Teleg.: DIAMANG

LOANDA

Director tecnico

Mr. Gleen H. Newport

DUNDO

LUNDA

Figuras e aspectos da nossa terra

Scena alentejana



A cachopa: — «Inté» me sabe a mel...

A "GALÁRIA"

I - ALFREDO PIMENTA



Que o alumiem pela vida fóra
Estrêlas duplas e estrêlas triadas!
Sabem o que êle anda escrevendo agora?...
O segundo volume dos Lusíadas!

E, num terceiro, já cogita e pensa,
De valor tão erguido e tão profundo,
Que logo toda a gente se convença
De que é o poeta máximo do mundo!

Oh altas catedrais acoráí-vos
Como homenagem, como humilhação!
Oh sétimos andar's precipitái-vos,
Precipitái-vos para o rez do chão!...

O seu talento ultrapassou as raías
Que a humanidade assinalou, traçando-as.
Que as virgens ergam, sem pudor, as saias...
Que êle as enlace e as honre, desflorando-as...

Sob pena de baração e de degola
Que todos se prosternem, quando passa...
E coloquem-lhe o busto em cada escola
E um monumento, ou dois, em cada praça!

Lá vem! Lá vem! Que magestoso aspecto!
Pátria bemdita, por tal filho ter!

Alárge-te mais, oh cósmos estreito,
— Para êle caber...

JACOB INO.

Lá vem Alfredo Pimenta,
Vem da Torre de Marfim.

Véste labita cinzenta
E'peitilho de borracha
Com lacinho de setim.

(Como é que a terra não se amolga e escacha
Ao pêso colossal dum génio assim?!)

Traz finas pantalonas côr de jade
E cuécas de pano cru

Anda vestido, não porque lhe agrade.
Desejaria andar pela cidade.
Apolineamente nu...

Lá vem da sua vivenda
Lá vem da sua mansão,
Onde comeu á merenda
Uma àsinha de faizão
De sabor macio, terno...

Uma àsinha de faizão
E dois goles de falerno.

Vem no pégaso. Galopa...
Ai que esbelteza! Que linha!
Apresente armas a tropa!
Suba aos mastros a marinha!

Voem pombas! Cáiam flores!
Lá vem! Lá vem! Que alegria!
Vibrái clarins! Rufái tambores!
Disparem a artilharia!





A PESAR de terem ido a Roma ganhar indulgências, os srs. Aires de Ornelas e Fernando de Sousa a estas horas não têm, com certeza, nenhuma espécie de indulgência com o sr. Augusto de Castro, a quem já devem ter retirado, mesmo, a qualidade de sobrinho do falecido estadista monárquico José Luciano de Castro.

É conhecido o fracasso da empresa religioso-política que levou a Roma o sr. D. Manoel, disfarçado de católico jubiloso com as festas do jubileu e o sr. Ornelas, seu lugar-tenente, disfarçado de lugar-tenente... a Deus. As coisas complicaram-se de forma tal que o sr. D. Manoel ficou reduzido a jogar a bisca em família, quasi prisioneiro no hotel e o sr. Fernando de Sousa, para que se não dissesse que tinha ido a Roma e não tinha visto o Papa, teve de apresentar-se no Vaticano com cara de peregrino à paisana e não vestido à *Epoca*, como tencionava.

Este desarranjo de combinações tão habilmente feitas atribuem-no os desesperados empresarios ao sr. Castro, que na sua qualidade de representante de Portugal, junto do Vaticano, teria prevenido o Papa, vigário de Cristo, de que um outro «vigário» se estava preparando. Assim, tendo-os o sr. Augusto de Castro desiludido como sobrinho de José Luciano é natural que, no seu íntimo, os monárquicos peregrinos lhe tenham retirado aquele parentesco, atribuindo-lhe, em *revanche*, a qualidade de primo do sr. Sá Pereira.

■ ■ ■

O «Melro» que assina estas linhas se fosse uma ave de espada á cinta, isto é, se fosse oficial do exercito, encazinava seriamente com os boatos, que fazem o giro das esquinas e cafés e que muitas vezes se aninham entre o noticiário dos jornais, atribuindo à tropa toda a especie de intenções de rebeldia e levantamentos.

Ora, que nos conste, no exercito, só os officiaes do Estado-Maior é que fazem levantamentos por obrigação e esses, quando os fazem, obedecem ás regras da topografia e não ás solicitações da politica. Portanto, desde que a revoluçãozinha não é coisa que saia na ordem do Exercito nem na ordem regimental, o que devem fazer os srs. officiaes, que pretendem ao mesmo tempo ser politicos e partidarios, não é tornarem estensivo aos soldados, que comandam, o direito, que

a lei lhes faculta, de terem um impedido para tratar do cavallo ou ir ás compras, fazendo de todos eles impedidos para o serviço especial de tiroteio nas ruas. O que a suas senhorias ou excellencias cumpre fazer é despír a farda e vir cá para a paisana politicar, discursar, conspirar.

Fossemos nós officiaes do Exercito e não hesitariamos em mandar despír os camaradas cuja conduta prejudicasse a isenção de partidarios, que deve caracterisar a tropa do ar, da terra e do mar.

■ ■ ■

A facilidade com que se foge das prisões do Estado só tem paralelo na facilidade com que foge ás responsabilidades quem tenha o apêndice caudal entalado em qualquer assunto ou caso de monta.

Um espirito estatístico e classificador tinha, nisto das fugas, materia para um trabalho digno de aplauso, enumerando e classificando os fugitivos, desde o fugitivo a prestações (genero Botelho Moniz) até ao fugitivo com caracter permanente (genero Carlos de Oliveira).

A evasão deste senhor, bem meditada, tambem dava ensejo aos matutos para resolver um quebra-cabeças no genero daquele do ovo e da galinha: «Foi o sr. Carlos de Oliveira que raptou o agente Gonçalves ou foi o agente que raptou o sr. Carlos de Oliveira?»

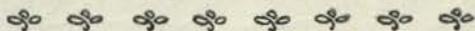
O caso talvez não tenha grande interesse, porque ambos são maiores e ainda porque a fuga do sr. Oliveira estava prevista. Uma vez que lhe puzeram á perna um agente chamado Gonçalves, tudo indicava que a prisão do sr. Carlos de Oliveira acabaria por um «gonçalve-se quem puder!»

■ ■ ■

VAI reabrir o Parlamento. Já nos dictionarios as palavras se aprestam para o fluxo labial que em catadupas vai jorrar nas discussões politicas. Já a gramatica se encolhe arripiada, na previsão dos futuros mas tão proximos maus tratos. Já o governo reforça as amarras, para não garrar no vendaval das moções desencadeadas, já os copos de água se alinham e já a alcatifa se resigna a receber as pontas de cigarro. Já o carrilhão, desabitado por um mês de silencio, experimenta a voz em dueto com a campainha, ligeiramente rouca desde as ultimas sessões. O sr. Domingos Pereira já ensaia ao espelho o sorriso imparcial que cumpre manter ao Presidente e já o sr. Baltasar Teixeira mostra por todo o edificio a sua face barbada de Senhor dos Passos... Perdidos...

... E já o País boceja e ainda o Parlamento não recomeçou a funcionar.

O MELRO.

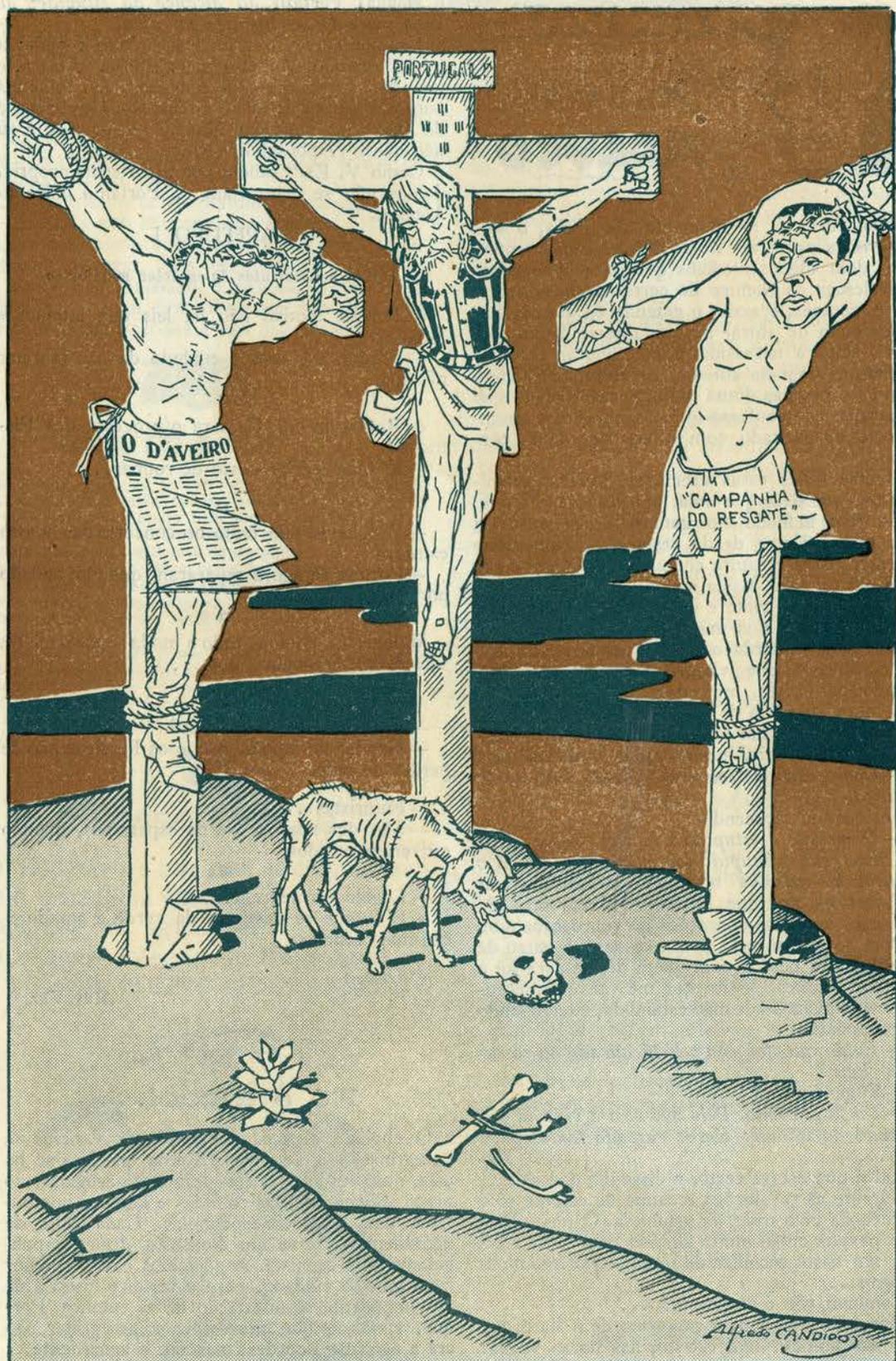


TURISMO



— «que horrible campo de batalha ser esta, que em minha Baedeker não indica?
— «Saiba V. S.ª que isto é a unica estrada transitavel do paiz!»

EST NUNC ET SEMPER



Portugal Cristificado: ... A historia repete-se! ...



RILHAFOLES é, no momento que passa, o sitio mais aprasivel de Lisboa. Assim o entendem alguns medicos que para lá mandam convalescer os clientes de certas doenças nervosas e mentaes, e assim o entendo eu que, muitas vezes farto de aturar pessoas que se dizem com juizo, sinto a necessidade de repousar entre os habitantes daquela colonia, na sua maioria composta de pessoas duma tão alta mentalidade que — porque não confessa-lo? — muito tenho aprendido e aproveitado com o seu agradável convívio.

Dentre todas essas creaturas, porém, permitam-me que destaque uma, por ser talvez a que, mais tem influido no genero de literatura a que me dediquei desde criança: o *humorismo elegiaco*. Essa creatura chama-se... O nome não vem para o caso. Basta apenas que lhes diga que foi ha uns bons vinte e cinco anos, prefeito dum grande collegio e já nesse tempo os alunos confiados á sua guarda o tinham por um extraordinario filósofo que viajava incógnito por este mundo de Cristo, modestamente escondido na pele dum guardião de meninos-môços.

Toda a sua vida falou só. Preguntava e respondia a si proprio, mesmo até a cumprimentar: — *Como está, passou bem? Passei bem, muito obrigado.*

Ou quando reprendia:

— *O menino é estúpido? E' sim, senhor. E se me disser que o estúpido sou eu, devolvo-lhe já o insulto.* E applicava no mudo interlocutor um daqueles carôlos que foram os precusores da anestesia local nas operações do couro cabeludo.

Pois ao entrar pela primeira vez no pateo de Rilhafoles, a pessoa com quem dei de cara foi o *Prefeito maluco*. Assim que me viu reconheceu-me logo e avançou de mão estendida, interrogando surpreendido:

— *Então que foi isso? Está curado ou conseguiu fugir?*

— *Fugir d'onde?*

— *Do Manicómio. Pelo que vejo a vida lá não é muito agradável: têm-se raspado tantos para aqui...*

Achei que estava certo, e disse-lhe que sim.

Durante as revoluções a calma da colonia só é perturbada pelo troar da artilharia. O nosso Prefeito passeia então muito agitado pela cêrca e diz com um triste encolher de ombros: *lá andam os malucos...*

Tambem não é desacertado...

Mas tudo isto vem a proposito dum livro que o nosso homem tem escrito, nas horas vagas:

o *Manual Portatil ao alcance da estupidez de cada um e da intelligencia em geral.*

Leu-me ontem o primeiro capitulo e pediu a minha opinião. Achei-o maravilhoso, é claro, e tive que jurar que lho publicaria em folhetins num dos jornais de maior circulação. Lembrei-me do *Diario do Governo*. Mas... isto pega-se e eu não quero responsabilidades...

Como V. Ex.^{as} sabem por experiencia propria, doidos não se contrariam... Portanto mãos ao *Manual*.

CAPITULO I

Alguns pensamentos de caracter metaforico

— *Porque motivo não ha leis que atinjam a Moagem?*

— *Porque ela tem o cuidado de não fabricar pão alvo.*

■

— *Roubaram da Camara o processo dos Electricos?*

— *E' mais um processo de roubar...*

■

— *Porque se fala tanto no concerto das nossas estradas?*

— *Porque só agora repararam que têm andado por maus caminhos.*

■

Mulheres e politica, tudo à moda: cabelo curto, saia curta, Ramada Curto...

■

— *Que buscam os literatos?*

— *Ganhar no volume o que os livreiros hão de perder no peso.*

■

— *Futuristas...*

— *São dos nossos. Cá os esperamos, quando estiverem curados.*

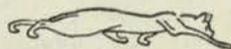
■

— *Legião vermelha...*

— *E' a que se desligou da verde e amadureceu mais cedo...*

(*Continúa.*)

Ruy Vaz.



Fé e alcool...

O enviado especial do *Diario de Noticias* na peregrinação a Lourdes e Roma queixava-se ha dias, numa cronica cheia de unção religiosa, do preço exorbitante das comidas e bebidas nos bufetes das estações espanholas. Cada calix de aguardente custava um dinheirão, dizia compungidamente o cronista. Arquivamos este permenor com todo o cuidado, para a veridica historia de tão imponente manifestação de fé catolica. Porque, afinal, o que interessava a peregrinar não era a agua de Lourdes, mas sim a aguardente...

Bom humor

Ha dias, o sr. dr. Bernardino Machado e o sr. dr. Joaquim Ribeiro defrontaram-se — em simples encontro de cumprimentos, é claro.

Da parte do antigo presidente da Republica, aquela afabilidade que lhe é peculiar; de parte do fogaoso deputado e antigo ministro da Agricultura, uma polidez protocolar e fria. O aperto de mão final e separaram-se.

Comentario do dr. Bernardino Machado:

— Este Ribeiro não corre para mim...

Uma das poucas coisas boas que a politica não conseguiu estragar, foi a juventude de espirito do dr. Bernardino Machado. Tirem-lhe os mandatos, tirem-lhe o chapéu, tirem-lhe o que quizerem, que não conseguem tirar-lhe a boa disposição.



BEXIGADA . . .

Ha dias na igrêja do Lorêto esteve para rebentar a bexiga. Foi que um ratão de bom gosto, talvez rato... de sacristia, alcatroou muito bem uma bexiga de porco e dando-lhe a forma de uma bomba de grande potencia, colocou-a na teia... d'aranha do templo.

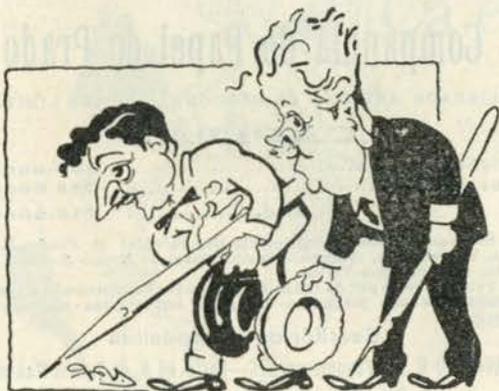
Os herois estão em toda a parte. Emquanto a um sacristão carêca, se lhe punham os cabelos em pé e as saias pela cabeça, tranzido pelo susto, outro assistente impavido e sereno, punha o pé no rastilho que não ardia... apagando-o.

A maquiça infernal, posta no logar sagrado, foi levada para o Governo Civil. Ali, sentindo-lhe barulhar qualquer coisa dentro, abriram-a e encontraram-lhe dois calhaus... Em face do insolito achado se viu então que a bomba era apenas um simples e vulgar caso de pedra... na bexiga.



O NOSSO CARTÃO

«O Espectro», em nós encarnado,
Pela gentileza imensa
Com que foi agraciado
P'los seus colegas de Imprensa:
A TODOS, MUITO OBRIGADO!



JOÃO CHAGAS

Nas fileiras da Democracia, esfarrapada pela morte e pela deserção, caiu agora o combatente que mais alto erguera a sua desempenada figura de lutador, o que de mais longe vinha e mais asperos caminhos trilhara. Emudecidos, uns, gelados sob a terra, tantos...

Durante muitos anos a propaganda republicana viveu da formosura inegalavel do seu espirito, da sua audacia, da sua fé. Pronunciar o seu nome era sentir a Revolução em marcha. Soava como um grito de revolta a despertar uma nação adormecida. Todos se lembravam: a cadeia da Relação, a fortaleza de Loanda, o exilio, o Limoeiro, as esquadras de policia, os quartéis da Guarda — marcos que assinalam em letras de fogo a sua passagem pelo calvario duma ideia.

Não quizeram os republicanos prestar-lhe, emquanto vivo foi, a homenagem que o seu talento e as suas virtudes reclamavam. Ha pouco mais de vinte anos da sua pena saíram, com maguada ironia, estas profeticas palavras:

«O partido republicano tem o culto dos mortos, mas tem-no muito exclusivamente. Parece que só considera verdadeiramente um serviço — morrer.»

Esse serviço acaba ele de o prestar. Os poderes publicos, que não lhe dirigiram uma palavra de deferencia ou simpatia, quando ele regressou de França ao seu paiz, consideraram justamente a sua morte uma perda nacional. Dir-se-ha talvez que o partido republicano é menos um agregado de cidadãos que uma legião de carpideiras ou cohorte de gatos-pingados. Embora! Já que os vivos não desistem de se apedrejar com furia, olhemos comovidamente os que caem ao nosso lado, dizendo as palavras de justiça que eles já não podem ouvir.

... E que nas taboas do seu caixão não fique para sempre amortalhado o espirito de combate e de sacrificio pela Ideia que ele guiou a caminho do Triunfo!

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Serviço regular entre a M. tropole e a Africa Ocidental e Oriental Portuguesa

Saidas de Lisboa em 1 de cada mês para os portos de Africa Ocidental e Oriental

Saidas de Lisboa em 15 de cada mês para todos os portos da Africa Ocidental

Saidas extraordinárias de Lisboa e portos do norte da Europa para a Africa, unicamente para carga

FROTA DA COMPANHIA PAQUETES

«Nyassa».....	8965 Ton.	«Luabo».....	1385 Ton.	} Serv. de cabotag.
«Angola».....	8305 »	«Chinde».....	1382 »	
«Lour. Marques»..	6355 »	«Manica».....	1116 »	
«Moçambique»....	5771 »	«Bolama».....	985 »	
«Africa».....	5491 »	«Ibo».....	884 »	
«Pedro Gomes»...	5471 »	«Ambrizo».....	858 »	

VAPORES DE CARGA

«Cubango», 8300 ton. — «S Tomé», 6350 ton. — «Cabo Verde», 6200 ton. — «Dondo», 6000 ton — «Congo», 5080 ton.

REBOCADORES NO TEJO

«Tejo», «Cabjada» e «Congo»

Todos os vapores desta Companhia têm frigoríficos, luz electrica, excellentes acomodações e todos os modernos requisitos de navegação, proporcionando aos Srs. Passageiros viagens rápidas e comodos.

Escritórios da Companhia { **Lisboa:—Rua do Comércio, 85.**
Porto:—R. da Nova Alfandega, 34.

ANVERS, Eife & C^o, Quaisvan Dyck, 10. — HAMBURGO, Agentes:—E. Th. Lind, Alsterdamm 39 Europahaus. — ROTTERDAM, H. Van Krieken, P O B 662.

Telefones: — P B X 2365 a 2370 — Administração — Chefe do Expediente — Informações — Tesouraria e Passagens — Commissariado e Serviços Médicos — Engenheiros (Cais da Fundação) — Cais da Fundação — Depósito e Armazens.

Companhia de Moçambique

GOVERNO DO TERRITORIO DE MANICA E SOFALA

SÉDE-Largo da Biblioteca Publica, 10-LISBOA

COMITÉ DE LONDRES

COMITÉ DE PARIS

Thames House — Queen Street Place

17, Boulevard Haussman

LONDON, E. C.

PARIS

Movimento Comercial em 1923

Importação.....	4.374.373\$00	Esc. ouro
Exportação.....	6.560.358\$00	» »
Reexportação.....	21.331.648\$00	» »
Baldeação.....	6.145.418\$00	» »
Trânsito.....	9.999.619\$00	» »
Cabotagem.....	2.201.151\$00	» »
Total do Movimento Comercial:	50.612.567\$00	» »

CAFÉ TAVARES

TODOS OS DIAS:

ALMOÇOS E JANTARES CONCERTOS

Salas reservadas para banquetes

CHAPELARIA HIGH-LIFE

CHAPEUS DE PALHA INGLESSES
MARCA TRESS E GLINS

COMPLETO SORTIMENTO DE
CHAPEUS MOLES
MARCA
BORSALINO

BANCO DO MINHO

RUA DO OURO — TELEFONE C. 2250 E C. 23

FUNDADO EM 1854

Capital..... 10.000:000\$00
Reservas..... 11.203:500\$00

SÉDE EM BRAGA

Fiiais: Em Lisboa e Porto — Agencias: Guimarães e Covilhã

AGENTE GERAL NO BRASIL

Sociedade Bancaria do Minho

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL

Acções.....	360.000\$00
Obrigações.....	258.660\$00
Esc.	618.660\$00

Séde em Lisboa — Proprietária das fábricas do Prado, Mariana, Sobreirinho, (Tomar), Penedo, Casal do Ermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha).

Fábrica de papel de todas as qualidades de impressão e escrita. Fornecedora dos jornais e das mais importantes empresas do país.

Escritórios e Depósitos

Lisboa-270 R. dos Fanqueiros-276 — Porto-49 R. de Passos Manuel-51

End. teleg. para Lisboa e Porto: P&LPRADO

Telefones: Lisboa, 2605 e 4543 — Porto, 107

A EMBOSCADA



«A sombra de Abd-el-Kader a Abd-el-Krim»:— Allah é grande... mas vê lá em que te metes!...



Cá está o "ESPECTRO"!...

Semanario de caricaturas

Venda avulso — 1\$50 cada exemplar.

Por assinatura, pagamento adiantado:

Serie de 26 numeros.....	39\$00
» » 52 »	78\$00

Africa e paizes estrangeiros acresce o porte

Publica-se ás segundas-feiras

Redacção e administração: Rua do Mundo, 95, 3.º — LISBOA

Composto e impresso na Tipografia da Empresa do Anuário Comercial
Praça dos Restauradores, 24 — LISBOA

O Desporto na Política

O nosso futuro, senhores, não está nas colónias, muito embora o sr. Alberto Xavier continue na direcção geral da fazenda pública e o sr. Viriato da Fonseca não deixe de relatar o orçamento das finanças.

O futuro de Portugal está no desporto. E' preciso revigorar a raça, fazer de cada portuguez um Geraldo Sem Pavor, um Nun'Alvares ou um Carlos d'Oliveira, que vem tudo a dar na mesma.

Para traz as ideias do sr. Cicero Domingues dos Santos! Abaixo a pera do personagem sr. Antonio Maria da Silva! Fora a careca do Santo Antonio Alvaro de Castro! Meta a oratoria no bucho o sr. Demosthenes Carvalho da Silva! Calado e quieto o sr. Sansão Cunha Leal! Planos, programas, reformas, tudo para a pia, visões demoniacas d'um passado morto!

A salvação do paiz está no desporto, sim! Constitua-se um governo desportivo e a felicidade nacional virá pelo seu pé, sem a gente dar por isso. O governo que nós propomos, o unico governo capaz de fazer entrar Portugal nos eixos, é este:

Presidencia do ministerio, sem pasta, *Jogo de Pau*; interior, *Tiro*; justiça, *Box*; finanças, *Sabre*; commercio, *Ginastica Sueca*; guerra, *Tennis*; marinha, *Remo*; estrangeiros, *Foot-Ball*; trabalho, *Natação*; agricultura, *Espada*.

Que melhor presidente do ministerio que o «jogo de pau»? Ponham-no á frente dum governo e ver-se-ha como a harmonia e a ordem reinam nos conselhos de ministros. Presidente sem pasta, para ter mais tempo de utilizar todos os seus contudentes recursos. E a *Cruz Vermelha* instalada junto ao gabinete da presidencia.

O *Tiro* no interior. É a unica forma de restabelecer a paz nas ruas e a tranquilidade nos espiritos. Todos os dias, das 4 ás 6 da tarde, uma metralhadora em exercicio pelas ruas da baixa e três ou quatro peças a funcionar nas eminencias da cidade. Está assegurada a ordem publica e acaba-se a vadiagem pelas ruas.

Para a justiça o *Box*. Um murro aplicado a tempo exerce uma acção muito superior á de qualquer sentença judicial. Todos os processos, que se arrastam aos pelas mesas dos tribunais, seriam liquidados com rapidez, em alguns *rounds*, e nunca a despesa da arnica atingiria as fabulosas somas das custas e selos, que se gastam hoje por dá cá aquela palha.

O *Sabre* nas finanças, bem afiado para os indispensaveis cortes orçamentais. O funcionario publico reponta? Quer que o Estado lhe pague, em cada mês, mais que o necessario para se alimentar a pão e agua durante uma semana? Uma sabrada na boca do estomago, até ver. Os credores imaginam que têm algum direito a receber o juro do dinheiro que emprestaram ao Estado? Meia duzia de espadeiradas na cabeça — e acabou-se a questão.

O commercio sofre duma extrema debilidade. *Ginastica sueca*, especialmente exercitada na função de esvasiar com presteza a carteira do fre-

guês. Lembramos o *tennis* na pasta da guerra porque é um desporto elegante, de boas maneiras, e não ha inimigo que resista á sedução dum pulosinho feminino dado a tempo para agarrar a bola.

Que é a nossa marinha? Trez ou quatro chavectos, onde não se podem acender as caldeiras sem perigo de incendio immediato. A madeira do casco, resequida ao sol de muitos seculos, transformou-se em materia inflamavel. Tambem não suportam o peso do carvão sem risco de afundamento. O meio de locomoção ideal para a nossa marinha é o *remo*.

O *florete* para os estrangeiros. O ministro deve ser o que se chama uma «beleza d'homem», pronto sempre a receber os diplomatas de camisola branca e florete em punho. E as potencias que refilem!

Nas colónias têm sido experimentados todos os genios nacionais, sem resultados que se vejam. Ponham-se á prova os cavalos, ou como estadistas, ou como elementos de transporte. A experiencia prova que eles servem para tudo.

A *bolasinha* para a instrucção. O *goal* e o golo são as duas alavancas que movem nos tempos modernos as energias nacionais. Se a pinga consola a alma, meter a tempo um *goal* dá satisfação ao corpo.

A respeito de trabalho toda a gente está de acordo em que no ministerio do dito se não faz nada. Pois vamos lá *nadar*... Na agricultura a *espada*, para cortar o nó gordio do «*deficit*» da nossa producção.

Patriotas, que sentis pulsar nas veias o sangue do Mestre de Aviz! Acclamai o ministerio do *Espectro*, — e Portugal será salvo!

TEATROS

Noticias em primeira mão

Desde hoje, levantada a suspensão de garantias, as empresas teatraes tencionam passar a attribuir a estupidez do publico a falta de concorrencia aos espectaculos, que até agora attribuiam ao estado de sitio.

■ Por força das circunstancias o Teatro Novo tem envelhecido a olhos vistos. Se ainda abrir este ano, consta que passará a chamar-se «Teatro em estado de novo».

■ Melhor informados podemos garantir que o Teatro Novo se não tem ressentido dos successivos adiantamentos de que vem sofrendo, gosando, pode dizer-se, uma saude de... Ferro.

■ O actor Joaquim Oliveira, do elenco do Teatro Novo, adoeceu, conforme obrigava o seu contracto, afim de melhorar, para assim justificar o titulo da peça de estreira, que se chama «Knock ou o triunfo da medicina». Knock em francês está mesmo a dizer Joaquim Oliveira, e o triunfo da medicina refere-se ao seu pronto restabelecimento.

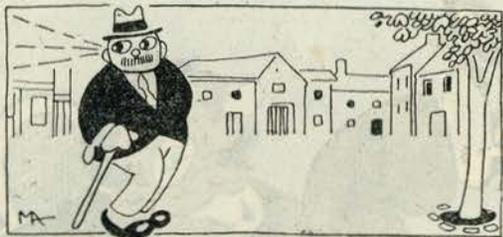
■ Tornou-se reparado que o sr. Casali, empresário da opera do Coliseu, tivesse contratado uma cantora muito gorda. O sr. Casali justifica-se dizendo reccer que, se a cantora em questão fosse muito magra, lhe chamassem a ele, empresário, o Casali dos Ossos.

■ A sr.^a D. Veva de Lima promoveu no Teatro Nacional um espectáculo, com duas peças de sua autoria e cuja receita era para os tuberculosos. Como se tratava de tuberculosos, a casa estava muito fraca.

REPORTER DOS BASTIDORES.

A COISA É PARA AMANHÃ...

O Bôa Vista é o agente mais habil, mais esperto, mais sagaz e perspicaz da P. S. E. Em golpes de vista ninguém iguala o Bôa Vista. Basta-lhe deitar o olho ou mesmo o rabo do olho para, num relance, saber o que deseja. Em materia de olho o Bôa Vista é um «olhão». O Argus da mitologia é uma apagada figura de óptica ao pé do nosso figurão. Quando em serviço, anda sempre com um olho atrás e dois adiante. O nosso agente, que dispõe de um raio visual extenso e dilatado, em faro, é então, o focinho mais perdigueiro de toda a corporação policial. Farejando, encontra logo rasto. Pista seguida, é conspirador catrafilado. E assim, é o terror dos bombistas, nacionalistas, monarquicos e até dos democraticos nos raros momentos que têm estado na opposição.



Ora, ha dias, o sr. Crispiniano da Fonseca, distribuindo os serviços de vigilancia e manutenção da ordem aos agentes, disse-lhe:

— O' Bôa Vista, temos novamente coisa no ar, portanto recomendo-lhe muito olho e muito nariz...

Recebida a instrução, o agente saiu do Governo Civil apurando a vista, o olfacto e os restantes cinco sentidos.

Andou, desandou, perscrutou pela cidade, sem que nada lhe ferisse a atenção. Entardecia e corria a viração subtil, quando, ao voltar de uma esquina, o seu olhar penetrante e fáro especial foram atraídos por um individuo que se lhe tornou suspeito.

Eu, nesta altura, na minha qualidade de *historista*, poderia fazer render a massa e fazer misterio da personagem que dera no gôto do Bôa Vista. Não farei tal. Era nem mais nem menos do que o Estrela Santos, meu amigo e meu futuro afilhado de casamento. Dada a explicação, vejamos o resto. Efectivamente o Estrela, em vespera de casamento, ia com cara de caso. Dando alguns passos, já sob a vigilancia do secreta, o meu amigo foi ao encontro de um grupo. Ao vê-lo, um deles exclamou:

— Então a coisa para quando é?!

— Para amanhã!... Espero que vocês não faltem...

E o Estrela Santos, distribuindo apertos de mão, pôz-se novamente a caminho.

O Bôa Vista, cheio de orgulho, teve um sorriso de triunfo e monologou com os seus botões:

— Nunca me engano!... E' um aliciador, e a coisa é para amanhã... Já o não perco de olho...

Deixando os do grupo, o Estrela dirigiu-se para um lugar de hortaliça. A' porta estava o locandeiro, a quem perguntou:

— Então o meio cento das laranjinhas?

— Já ali estão num cêsto e das mais pezadas, que são as melhores... Pelo visto a coisa não passa de amanhã?

— Certamente!... E já não era sem tempo...

O Estrela desandou. O agente, sempre na côla dele, teve novo sorriso de triunfo e monologou: — Com que então, cinquenta bombas!...

Mais adiante, o Estrela estacou defronte de uma pastelaria e disse para dentro:

— Junte mais cinco cartuchos aos outros...

Do balcão responderam, solícitos:

— Sim, senhor!... Sempre temos a coisa amanhã?...

— Dê lá por onde dêr...

O Estrela seguiu o seu caminho e o Bôa Vista, não o largando de olho, sorriu e teve novo monólogo: — Mais cinco cartuchos!... Naturalmente são para Mauser...

Nisto, o Estrela enfiou para uma tipografia.

— Os impressos?

— Ei-los.

— Têm a data de amanhã?...

— Sim, senhor...

O Estrela pegou no pacote e pôz-se na perna com o Bôa Vista aos calcanhares. Este renovou o sorriso e o monólogo: — Não ha que ver, são os manifestos...

Mais uma caminhada e o Estrela penetrou como um raio numa drogaria:

— Arranjou-me o oleo de amendoas doces?

— Não, mas pode contar com a glicerina, que é de melhores efeitos... Então a coisa não vai além de amanhã?

— Nem se pergunta!

E o Estrela Santos saiu e só parou travando num retrozeiro. O Bôa Vista, seguindo-o, sorria e monologava: — A glicerina é para dar cabo da pele, empregando-a como explosivo...

O Estrela no retrozeiro, interrogou:

— A coisa tem de ser amanhã... Arranjou as fitas nas côres que desejo?

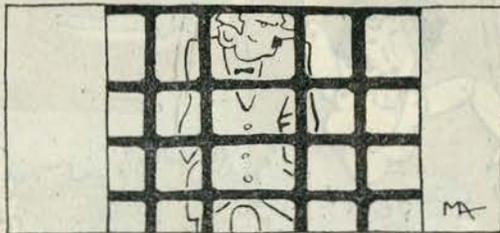
— Pode ir descansado, que não faltarão; cinco metros azuis e cinco encarnados...

Então o Estrela, como um comêta, tomou o caminho de casa. E Bôa Vista, impando de alegria, teve o último sorriso e o último monólogo: — Está descoberta toda a meada... Fitas azuis e encarnadas... Desta vez são os talassas de mãos dadas com a «Legião Vermelha»... Mas tenho-os todos na mão... Amanhã, antes de rebentar a revolução, está tudo *filado!*

Entretanto o Estrela, enfiando para a escada, monologava tambem, recapitulando: — As laranjas devem chegar; mais cinco cartuchos de bôlos são doces com fartura; as participações estão impressas em bom papel; a glicerina, segundo a opinião do droguista, é optima; as fitas encarnadas são para os alfomoadões e as azuis para ornamentar o toucador da minha querida Nini... E amanhã, dê lá por onde dêr, ficarei prêso pelos laços do matrimonio àquela que o meu coração escolheu para companheira do lar.

E assim aconteceu. O Estrela ficou prêso, mas ás ordens do Bôa Vista. Bem o esperou a Nini, os papás, os convidados, eu e os outros padrinhos no Registo Civil. E a coisa, que era para amanhã, ainda não se sabe quando será. Ha quinze dias que o Estrela Santos está incomunicavel na esquadra da Praça do Brasil.

CARLOS SIMÕES.



OS ÉDÍS NA REVOLUÇÃO...

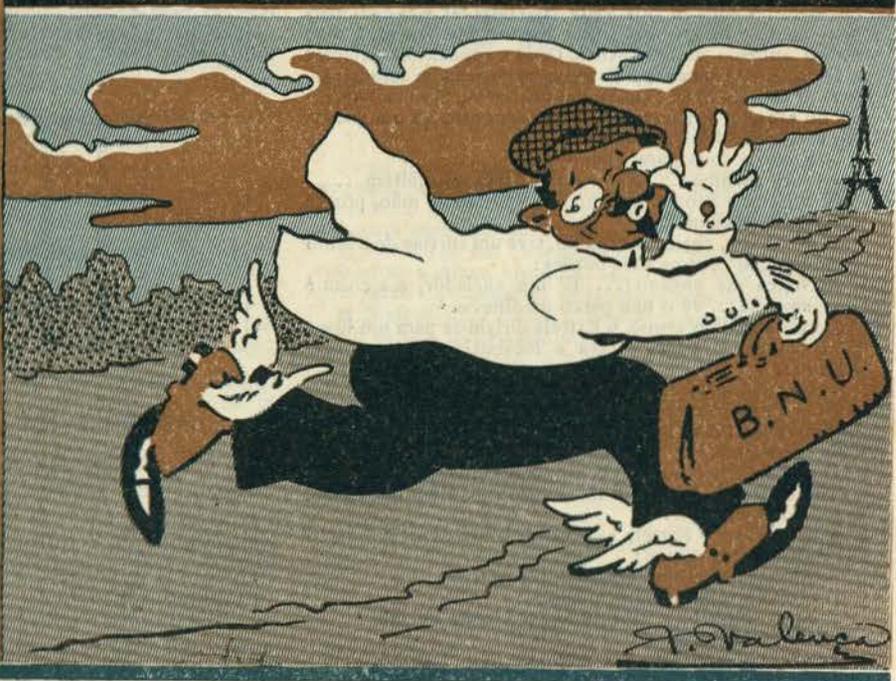
O Governo precisa acautelar-se com a Camara Municipal de Lisboa, que resolveu abrir guelias em todas as ruas da cidade. Informações confidenciaíssimas, e que reputamos da maxima confiança, garantem-nos que os buracos obedecem a um plano estrategico, combinado de acordo com os dirigentes da proxima revolução. Trata-se de cavar trincheiras para os revoltosos. Talvez o governo andasse ajuzadamente se tambem se puzesse desde já a *cavar*...

POLITICA COM FIOS

PARIS



LISBOA



Entre as brumas de Paris,
Bem longe de borbórnios
E dos «Dezoiitos de Abris»,
Da política infeliz
Puxa Afonso os cordelinhos.

A's vezes, á nossa Terra
Vem, em romagens devotas,
Vêr se a coisa desemperra...
Germano espera-o' na Serra
E dá-lhe sêbo nas botas.

Afonso mira o país
E sobre o nosso destino
Três coisas solenes diz...
E logo corre a Paris
Num furor... «Ultramarino.»